

Jornalismo Literário: das páginas do impresso à hipermídia¹

Gabriel Senna Diogo²
Leandro Freire Figueiredo Maia
Maria Cristina Rielle da Silveira
Pedro Henrique Martins dos Anjos
Sidney Gomes e Silva Neto
Tatiana da Silva Peixoto Perry
Thiago Nogueira da Silva
Geane Alzamora³

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC Minas, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Pretendeu-se investigar como o jornalismo literário participa de experimentos webjornalísticos contemporâneos. Para isso, analisamos o desenvolvimento do jornalismo literário ao longo da história da imprensa, da mídia impressa até os dias atuais: a era digital. A partir da análise, propomos como produto final dessa pesquisa, um *site* informativo que experimenta recursos hipermidiáticos na elaboração de um possível webjornalismo literário.

Palavras-chave: jornalismo literário; ambiente hipermidiático; webjornalismo literário

INTRODUÇÃO

Com a expansão das novas tecnologias de comunicação, a partir da década de 1990, a linguagem do jornalismo, até então delineada por técnicas jornalísticas e suportes tecnológicos relacionados aos meios de comunicação de massa, viu-se na iminência de grandes mudanças. A Internet é um ambiente aberto de comunicação, de onde surgem propostas informacionais diversas, muitas vezes interativas, hipertextuais e multimidiáticas. Nesse ambiente comunicacional híbrido e plural, o jornalismo literário se depara com inúmeras possibilidades de desenvolvimento. A narrativa webjornalística pode, por exemplo, servindo-se do recurso da multimedialidade, compor-se no cruzamento de textos escritos, ensaios fotográficos e videográficos. Assim, de forma complementar e simultaneamente, uma história pode ser lida, vista e ouvida pelo internauta, a quem é permitido, inclusive, dependendo do grau de sofisticação da interatividade proposta, compartilhar da autoria do texto. Nessa perspectiva, o jornalismo literário, cuja narrativa sempre destoou do jornalismo impresso padronizado, encontra, no ambiente hipermidiático da Internet, novas possibilidades de crescimento.

¹ Trabalho submetido ao XV Expocom, na categoria B1.5 Jornalismo Digital, modalidade processo, como representante da Região Sudeste.

² Autor líder. Todos os autores do projeto foram responsáveis pelo seu desenvolvimento teórico e pela produção do site (www.fca.pucminas.br/cidadeinvisivel), produto experimental da pesquisa.

³ Professora orientadora da pesquisa e editora do site cidade invisível

É justamente estas possibilidades de desenvolvimento de um webjornalismo literário que este trabalho pretende investigar, embora não objetive compreender como os recursos de linguagem da Internet podem alterar a natureza da narrativa webjornalística. Interessa-se, antes, investigar como alguns desses recursos podem participar da narrativa jornalística de inspiração literária, aperfeiçoando-a, sem, contudo, perder de vista o percurso histórico do jornalismo literário, consolidado no impresso.

Inicialmente, apresentamos um breve percurso histórico do jornalismo literário no ocidente, discutindo as contribuições e as influências que o jornalismo e a literatura sofreram mutuamente, ao longo do tempo, sobretudo à partir do século XIX, até os dias atuais. Apresentamos, ainda, baseado nas idéias de Tom Wolfe, algumas características que fundamentam o Jornalismo Literário.

Em seguida, verificamos, mediante pesquisa exploratória, que, ao contrário do webjornalismo, o jornalismo praticado na Internet, com inspiração literária, ainda utiliza muito pouco os recursos disponibilizados nesse meio comunicacional.

Por fim, apresentamos o resultado prático dessa pesquisa: um *site* de webjornalismo literário, expondo as características que o novo meio oferece e focando, sobretudo, a perspectiva multimidiática e hipertextual.

Jornalismo e Literatura: características e imbricações de linguagem

O jornalismo e a literatura quase sempre se influenciaram. Os motivos para que ambos se inspirassem mutuamente, e mesmo para que um ou outro prevalecesse nas narrativas de fatos reais, variam conforme a época escolhida para análise. Essa permeabilidade observada entre eles advém de uma necessidade – que se poderia avaliar como genuína – de se produzir uma escrita que combine recursos capazes de, ao mesmo tempo, seduzir o leitor e lhe possibilitar uma compreensão aprofundada e extensiva dos fatos, levando-o à reflexão. Uma combinação difícil, mas não impossível de se efetivar no jornalismo cotidiano, que, sob muitos aspectos, cerceia a criatividade e acha-se limitado por fatores como o tempo, o modelo de redação da pirâmide invertida e a polêmica objetividade. Mas o fato é que jornalismo e literatura já estiveram próximos e distantes, ao longo da História. E ambos serviram-se, em diversas ocasiões, das características próprias de cada um, a fim de se aperfeiçoarem e transplantarem para seu campo específico as técnicas mais eficientes, tanto do jornalismo, quanto da literatura.

Na imprensa brasileira, sobretudo da primeira metade do século XIX, a separação entre jornalismo e literatura não era rígida, havendo, inclusive, muitos escritores trabalhando em jornais, como Gonçalves Dias e José de Alencar. Segundo Lima (2004), a necessidade de se aperfeiçoar as

técnicas de tratamento da mensagem deu-se, principalmente, depois que o texto jornalístico foi evoluindo da notícia para a reportagem. E, mesmo que intuitivamente, os jornalistas sentiam-se inclinados a se inspirar na arte literária para narrar o real.

A proximidade do jornalismo brasileiro oitocentista com a literatura assemelhava-se ao jornalismo da França, na mesma época. Vários artigos misturavam notícias e opiniões e, não raro, os jornalistas eram influenciados por práticas discursivas de natureza literária, além de citarem como modelos escritores famosos, como Honoré de Balzac, Victor Hugo, Emile Zola, entre outros. Chalaby (2003) afirma que o estilo jornalístico francês ficou marcado pelas origens literárias durante muitos anos, com a escrita, pelos repórteres, de artigos sentimentais.

Exemplo da aproximação entre imprensa e literatura são os romances-folhetins, narrativas publicadas nos jornais em capítulos diários, e que aumentavam a tiragem dos periódicos pela sedução que exerciam sobre os leitores, entusiasmados com o desenvolvimento das histórias.

A partir da última metade do século XIX, a imprensa ganha sua feição industrial e, com ela, a preocupação com o lucro e o aumento dos espaços nos jornais, para a publicidade. Algumas alterações ocorrem na imprensa, ainda que lentamente. O folhetim, por exemplo, foi substituído pelo colunismo e, depois, pela reportagem. Diante dessa nova realidade, o corpo dos jornais sofreu modificações como, por exemplo, a divisão das seções especializadas. Passou-se a exigir dos escritores maior objetividade na redação das notícias e reportagem. O jornalismo então, distanciou-se do seu caráter literário.

Mas a permeabilidade entre imprensa e literatura não se perde totalmente, uma vez que essa proximidade ou distanciamento vai depender dos períodos e países analisados, conforme já referido. A imprensa europeia começou a ser influenciada por uma vertente do “Realismo Social”, na qual romancistas como Balzac, Dickens, Tólstói, entre outros, imergiam em determinados mundos a fim de reproduzi-los direito, à semelhança de reportagens que, entretanto, só surgiriam mais tarde. Enquanto não surgiam coube, por conseguinte, aos escritores do realismo social o acompanhamento do cotidiano e a elucidação do que ocorria numa sociedade que se transformava. Como eles também contribuía para a imprensa, impulsionaram de certa forma o jornalismo literário.

Influenciado pelo “Realismo Social”, surgia no início da efervescente década de 1960, Estados Unidos, uma corrente denominada *new journalism*, cujos expoentes foram, entre outros, Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote. Essa corrente, em harmonia com o contexto da época – de reação aos valores da sociedade moderna, que ficou conhecida como contracultura⁴ – e sofrendo, portanto, os efeitos das transformações pelas quais o mundo passava, praticou uma nova forma de apurar, redigir e editar a notícia. Esses jornalistas utilizavam diversas técnicas da literatura ficcional e abordavam os fatos sob uma ótica mais humana, resgatando a

4 Sobre o assunto ver Henriques, 1990; ROSZAK, 1972

tradição do jornalismo literário e do realismo social.

Vale mencionar, aqui, que muitos desses jornalistas trabalharam na revista *New Yorker*, criada em 1925, que impulsionou o jornalismo literário e revelou escritores, como Irwin Shaw, John Cheever, entre outros

Lima (2004) sublinha a influência que o *new journalism* exerceu no Brasil na década de 1960, em publicações como a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde*. Este último, sendo diário, mostra que, embora difícil, não é impossível na imprensa cotidiana, limitada pelo tempo e por outras restrições a ela inerentes, uma combinação entre jornalismo e literatura, que pode se efetivar, por exemplo, em matérias frias ou de interesse humano:

Mesmo com o enfraquecimento do *New Journalism* na década de 70, não se pode dizer que houve um enfraquecimento do jornalismo literário de um modo geral, do qual ele é uma versão específica. A influência-literatura é antiga e continua ocorrendo na contemporaneidade:

O que nós presenciamos hoje é [...] apenas uma versão aperfeiçoada [...] do que foi feito muitas vezes nos últimos quatro séculos. A narrativa jornalística literária de hoje reflete o processo de evolução de toda a redação jornalística. (BERNER *apud* LIMA, 2004, p. 184).

A Contrução do Fato Jornalístico no Jornalismo Literário

Mesmo tendo se influenciado – com maior ou menor intensidade – na história da imprensa, o jornalismo cotidiano e o literário, desenvolveram, ao longo do tempo, características próprias, distintas, e por vezes antagônicas. São elas, principalmente: o rompimento do lead, da pirâmide invertida e, talvez a mais paradoxal, a inversão do conceito de notícia, que por sua vez, está intrinsecamente ligado a outros dois conceitos: acontecimento e critérios de noticiabilidade.

Teoricamente, tudo que ocorre no dia-a-dia pode ser caracterizado como acontecimento. Segundo Rodrigues (1988, p. 11) acontecimento é “tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais.” Logo, um acidente em uma esquina qualquer é um acontecimento, assim como uma briga – pública ou não - de um casal, ou uma greve de professores de uma escola primária de um bairro qualquer no interior do Brasil, até uma greve geral das universidades públicas do país.

Porém, nem todo acontecimento merece o status de fato jornalístico. Ao contrário, a ínfima minoria deles chega às páginas de jornais. Para virar notícia, alguns aspectos devem ser respeitados. São os chamados critérios de noticiabilidade que, de forma simplificada, mostram que o diferente, o incomum, o extraordinário é que merece espaço nos jornais. Isso, na imprensa comum. É justamente este o ponto em que o jornalismo literário promove uma subversão – não que os critérios

de noticiabilidade sejam desconsiderados. O jornalismo literário vai além desses critérios, transformando em notícia, dando destaque, aquilo que aparentemente não renderia uma nota de pé de página na imprensa informativa.

Para Penna (2006) não se trata, apenas, de um simples exercício da veia literária:

o conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper com as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários, e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENNA, 2006, p.13).

Assim, rompe-se também o compromisso com o deadline (hora do fechamento do jornal). Sua missão é dar ao leitor uma visão ampla da realidade. É preciso mastigar a informação, apurar diferentes abordagens e, finalmente, torná-la atemporal, ultrapassando também os limites da periodicidade e a atualidade, duas das características básicas das publicações jornalísticas atuais.

Essa forma de se trabalhar a notícia altera também a linguagem. A reportagem passa a ser escrita, principalmente a partir do *new journalism*, de forma diferente. Para isso, Wolfe (2005) aponta algumas técnicas absorvidas da literatura.

A primeira delas é construção do quadro cena-a-cena. Isso facilita o trabalho, e os jornalistas podem abrir mão da perspectiva histórica. O *lead* perde sua importância, a ordem cronológica ganha espaço. Em seu *A sangue frio*, por exemplo, Truman Capote descreve cenas minuciosas do dia-a-dia dos Clutter, envolvendo emocionalmente os leitores com a família. Tudo isso para, depois, chocar o público com a brutalidade com que foram assassinados.

Já o registro completo dos diálogos torna a narrativa mais envolvente. A descrição ganha prioridade. Quanto mais detalhes, melhor. Uma forma de envolver e fixar a atenção do leitor. O uso do ponto-de-vista na primeira pessoa dá ao leitor a sensação de estar dentro do personagem. Os jornalistas passam a adotar o “eu estava lá” da mesma forma que os autobiógrafos, memorialistas e romancistas.

Detalhes simbólicos do dia-a-dia, como o *status* de vida do personagem, o que a pessoa consome no café da manhã e o modo como a mobília está posicionada na sala de estar, pode revelar muito de sua personalidade. Não se trata de “bordado” em prosa, mas do centro do poder do realismo. “Houve a descoberta de que é possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos ‘dialoguismos’ tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência e (...) uma forma de exercitar tanto intelectual, quanto emocionalmente o leitor”. (WOLFE, 2005. p. 28).

Sem abandonar alguns princípios apreendidos no jornalismo informativo, os repórteres potencializam as técnicas jornalísticas associadas às técnicas literárias, para construir uma nova

estratégia profissional. A apuração rigorosa, a observação atenta, a capacidade de se expressar claramente e a abordagem ética continuam valendo.

Mais que uma técnica narrativa, o JL é também um processo criativo e uma atitude nos quais não cabem fórmulas, esquemas ou grupismos. São esses fatores que o projetam, hoje, como alternativa (óbvia) para arejar os conteúdos de jornais e revistas, principalmente, mas também de documentários audiovisuais, radiofônicos e até *sites*. (VILAS BOAS, 2006).

E são justamente esses recursos literários que permitem a possibilidade de imersão na vida dos personagens com riqueza de detalhes, nos diálogos e descrição das cenas, gerando um realismo tão grande que faz a diferença entre o jornalismo literário e o informativo. Recursos que permitem romper com os critérios de noticiabilidade, transformando histórias comuns em capas de revistas.

Assim, o jornalismo literário consegue, por meio da linguagem e da apuração diferenciada, mostrar que o conceito de notícia vai além do homem que morde o cachorro, embora isso desse uma ótima história!

Webjornalismo Literário: um embrião no novo meio

Se, por um lado, o jornalismo tradicional encontrou na *web* novas possibilidades de desenvolvimento, adaptando-se aos recursos e ferramentas que este novo meio oferece, por outro, o jornalismo literário na *web* não passa de um embrião solto neste vasto mundo que é a Internet.

Após pesquisa exploratória do assunto no ambiente virtual, por meio de *sites* de buscas e de portais com *links* remissivos a *sites* com o tipo de conteúdo que se buscava, foram escolhidos três *sites* para acompanhamento sistemático da questão: o *site* da revista mensal *Trip*,⁵ de conteúdo jornalístico literário, o *TextoVivo*,⁶ mantido pela Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), e algumas reportagens publicadas no *site NoMínimo*.⁷ Durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2006 esses *sites* foram acompanhados, buscando-se identificar características diferenciais no webjornalismo literário neles praticados.

Embora haja outros *sites* de conteúdo jornalístico literário, estes três retratam bem como a maioria se apresenta: o *TextoVivo* produz conteúdo especificamente para a Internet e o *site* da *Trip* funciona como um suporte para o que é publicado na versão impressa da revista – o que é comum a muitas revistas de conteúdo jornalístico literário, como a *Piauí*, *Brasileiros* e *New Yorker*, por exemplo.⁸ Embora o editor-chefe do *site NoMínimo*, Xico Vargas,⁹ não o considere um portal de

5 www.trip.com.br

6 www.textovivo.com.br

7 www.nominimo.com.br (o site deixou de ser atualizado em dezembro de 2007, seis meses após a conclusão deste projeto.)

8 Ver, por exemplo, www.revistapiaui.com.br, www.revistatpm.uol.com.br, www.revistabrasileiros.com.br e

jornalismo literário, avaliou-se que algumas reportagens são produzidas com características marcadamente literárias. Uma vez que, segundo Xico Vargas, “cada jornalista tem independência para escrever o quê, como e quando quiser”, justificou-se, então, o acompanhamento desse *site*.

- **Trip**

No site da revista Trip selecionou-se, no link Revista Trip, o sub-tópico “Reportagem”, que corresponde à transcrição para a web da publicação impressa. Observou-se, também, a área do portal denominada “Salada”, composta basicamente de pequenas notícias produzidas especificamente para a versão on-line.

O assunto, que ganha destaque na perspectiva do jornalismo literário, a princípio não ganharia destaque na imprensa diária, sempre em busca dos grandes furos e movida, cada vez mais, pela instantaneidade do acontecimento. Neste caso, o texto não se difere do jornalismo literário impresso, mantendo suas características tradicionais. No corpo da matéria também não se encontram *links* remissivos nem recursos multimidiáticos, apenas fotografias, tal como se observaria em uma reportagem escrita.

Na seção “Reportagem” as matérias são meras transposições parciais da versão impressa, sem usar nenhum recurso que a *web* oferece, como áudio, vídeo, ou *link* remissivo a outros conteúdos. Além disso, as matérias não estão integralmente publicadas no *site*. Como mostra o aviso: “*Trip* + A saga completa da família e o encontro dos Riqueza em Macaé (RJ) você encontra na versão impressa da *Trip*, nas bancas”¹⁰ ou seja, a versão on-line da revista pode ser considerada menos completa que sua versão impressa.

Mesmo na seção Salada, com conteúdo voltado para a Internet, não existe a utilização de recursos hipermidiáticos. Nessa seção, o leitor, através de algumas notas, é informado de que existe uma versão mais completa no impresso.

A única parte interativa do *site*, o “Comente”, logo abaixo da matéria, até o dia 28/10/06 não havia recebido comentários.

Na página principal do *site* a sessão “multimídias – TV *Trip*” sempre disponibiliza um vídeo sobre um assunto aleatório, não necessariamente referente à alguma matéria em destaque naquele momento. O recurso, portanto, não está ligado diretamente ao conteúdo jornalístico-literário do *site*.

- **TextoVivo**

A primeira matéria da sessão Destaques, apresentava no dia 12/10/06, a reportagem “Jimi

www.newyorker.com

9 Em entrevista concedida ao grupo, por telefone, em 14/05/2006.

10 Disponível em <<http://revistatrip.uol.com.br/148/riqueza/02.htm>>, acessado em: 15 out. 2006

Joe ou saudades do futuro”, na qual o jornalista relata as possíveis emoções sentidas por um músico ao entrar no palco, para o show de estréia de seu novo disco:

Ele entra tímido no palco. Cabisbaixo, esconde o rosto sob um chapéu de cowboy. Verifica o amplificador e olha para os lados procurando rostos conhecidos. Caminha até o pedaço do palco iluminado pelo canhão. Sem tempo para reflexões ou arrependimentos, saca a palheta e atira contra a platéia o acorde mais alto que seu instrumento pode emitir. O som que é o prenúncio de uma letra que fala de amor, de sentimentos e de vivência. Porque, para ele, música é isso mesmo: uma espécie de exorcismo e uma reunião de amigos. (THOMÉ, 2006).

É possível perceber neste exemplo, o rompimento com *lead* tradicional e o fluxo de consciência, e a perspectiva não factual da reportagem. Esses aspectos localizam a matéria na tradição do jornalismo literário. Porém, não se observa qualquer preocupação com o ambiente hipermidiático de comunicação: nem *links* internos ou externos, nem fotos ou vídeos, hipertextos ou qualquer forma de interação com o leitor.

O *site* foi atualizado no dia 28/10/06, com a inclusão de quatro matérias e duas resenhas de livros. Nessa atualização, o repórter Rodrigo Lopes, do jornal gaúcho Zero Hora, aproveitou a condição de enviado especial do jornal ao Líbano e Israel para realizar um trabalho também para a pós-graduação em jornalismo literário da Academia Brasileira de Jornalismo Literário, mantenedora do *site TextoVivo*. A reportagem “Guerras Colaterais” (LOPES, 2006) descreve situações dramáticas em detalhe. O diferencial, no entanto, é o trabalho de campo: um mergulho genuíno nas profundezas da guerra.

O primeiro critério é a factualidade do assunto. A guerra que explodiu naquele ano e a perspectiva da narrativa se distanciam ainda mais da perspectiva factual do jornalismo informativo. Mas a descrição do ambiente, das ruas e da vida dos envolvidos, com os seus sofrimentos e limitações impostos pelo conflito, humaniza a matéria, dando destaque àquilo que aparentemente não renderia uma nota de pé de página na imprensa informativa.

Apesar de ser um bom exemplo de jornalismo literário, não nos parece um bom exemplo de webjornalismo literário, na medida em que desconsidera os recursos de linguagem do meio e suas possibilidades de interação social. Essa análise se estende para o *site*, como um todo: As reportagens se limitavam apenas ao texto, divididos em retrancas na forma de *links*.

- **NoMínimo**

Nem todos os colaboradores desse *site* postam com periodicidade estabelecida. Isso garante àqueles que escrevem com características literárias um tempo maior para pensar a pauta, apurar e redigir o texto. Mesmo assim, a exemplo dos demais *sites* analisados, eles não experimentam os recursos de linguagem oferecidos pela Internet.

No texto de Marcelo Bortoloti, publicado em outubro de 2006, o jornalista usa das lembranças de amigos para contar a vida de Ronald de Chevalier. Citações em bares, palestras e confusões são relembradas e publicadas, mesmo que tenham sido colhidas 40 anos depois. É a verossimilhança que garante a veracidade do ocorrido.

Marcos Sá Corrêa, colaborador do *site*, faz um perfil do italiano Brizio Biondi-Morra. Ele quase virou jesuíta, mas se formou administrador em Harvard e passou a maior parte da vida pulando de continente em continente. Atualmente Brizio mora em uma mansão, em São José, um pequeno e pacato município da Costa Rica. Sá Corrêa descreve com riqueza de detalhes o cotidiano do país centro-americano, com suas belezas naturais que encantam os turistas. E conta a tranquilidade da vida que Brizio leva na cidade. A matéria é um perfil comparativo das realidades brasileira e costarriquenha. Portanto não tem temporalidade e nem critérios de noticiabilidade definidos – questões caras ao jornalismo informativo e recorrentemente negadas no jornalismo literário.

Assim como nos demais *sites* analisados, *NoMínimo* também não revela preocupação com o uso dos recursos hipermidiáticos. Não se observam *hyperlinks* nas matérias, nem vídeos, apenas fotos – o que não o diferencia de um texto do jornalismo impresso. O *site* também não apresenta uma perspectiva interativa com o leitor. Não há espaço para comentários ao final de cada reportagem e nem possibilidade do internauta publicar alguma matéria de sua autoria.

A partir deste breve estudo exploratório, é possível constatar que o wejornalismo literário ainda é pouco praticado na Internet. O único *site* de conteúdo assumidamente jornalístico literário analisado, *TextoVivo*, desenvolvido especificamente para a Internet, não apresenta as características que este meio proporciona: Não há uma preocupação na utilização dos recursos hipermidiáticos. Nem ao menos fotografias para ilustrar as reportagens são utilizadas neste *site*. Ali, o que importa, é o texto escrito.

Também no *site NoMínimo*, cujo conteúdo é produzido exclusivamente para a Internet – não se percebe uso sofisticado dos recursos da linguagem hipermidiática. O mesmo acontece com o *site* da revista *Trip*: é apenas um aperitivo para o conteúdo da revista impressa.

Deste modo, apresenta-se, a seguir, o resultado prático desta pesquisa: um *site* de webjornalismo literário, com as características que o novo meio oferece, principalmente, a perspectiva multimidiática e hipertextual.

Proposta de experimentação em Webjornalismo Literário

Como resultado prático desta pesquisa, propomos a criação de um *site* experimental com conteúdo jornalístico literário. A exemplo dos *sites* analisados, optamos por não abrir mão das

características da narrativa literária que sempre nortearam o jornalismo literário nos veículos impressos de comunicação. Nossa experimentação se diferenciará, no entanto, dos *sites* atuais de conteúdo jornalístico literário, à medida que utilizar os recursos hipermediáticos, de maneira a ser parte integrante do texto, tanto como complemento à informação, quanto no processo de imersão do leitor, uma vez que os *sites* analisados para este projeto, apresentam esses recursos de forma muito incipiente.

Optamos, ainda, em destacar dois destes recursos como prioritários em nossas matérias: multimidialidade e hipertextualidade. A imersão, outro recurso hipermediático, aparecerá como uma conseqüência de um texto de qualidade estética e do uso adequado dos dois primeiros recursos mencionados. Como o *site* é experimental e não há intenção de atualizá-lo, não usaremos recursos de memória e personalização. Por fim, como ferramenta interativa, ofereceremos uma seção de comentários dentro de um *blog*, para o leitor deixar ali suas impressões. Esta forma de interatividade é comum em *sites* jornalísticos, inclusive no de jornalismo literário *Trip*. Portanto, o que diferenciará este *site*, dos outros de conteúdo jornalístico literário, é a produção de reportagens, pensada de forma textual, multimidiática e hipertextual. Cada recurso, complementando o outro.

O *site* Cidade Invisível (www.fac.pucminas/saogabriel/cidadeinvisivel) terá como recorte editorial a cidade que quase ninguém vê. Vidas e histórias que, a princípio, parecem desinteressantes, comuns, mas que, olhadas de perto, de frente, e com um mínimo de sensibilidade, se mostram interessantes, às vezes heróicas. Aquilo que, normalmente, não é mostrado na grande imprensa, a não-notícia, o desinteressante aos olhos do jornalismo informativo. Pautas que, no dia-a-dia, no frenesi das redações, normalmente não ocupariam espaço nas páginas. A inversão dos critérios de noticiabilidade que o jornalismo literário sempre buscou, como foi mostrado e defendido no primeiro capítulo deste projeto, e que, normalmente, não encontramos no jornalismo diário e informativo.

Mesmo temas que, por vezes, ganham destaque na grande imprensa, como aqueles sobre moradores de rua, por exemplo, serão abordados sob outro ângulo, outro foco. Não mais a miséria, ou o alcoolismo que a maioria enfrenta. Isso já é lugar comum, já é conhecido. Optamos, neste caso, em investigar suas alegrias, seus amores, a beleza que, por vezes, pode se esconder na miséria.

O recorte editorial das reportagens do *site* baseia-se ainda, na trajetória histórica do jornalismo literário, norteadada pela idéia de "inversão dos critérios de noticiabilidade", como foi constatado e apresentado neste estudo. As pautas deveriam, portanto, abordar as "cidades particulares" dentro da metrópole, cujas histórias são feitas pelos personagens anônimos. A figura do *flaneur*, aquele que anda devagar e, portanto, pode enxergar o detalhe das coisas, vagueando pelas ruas e redutos da cidade com o vírus da observação, foi a principal norteadora do grupo, na busca pelas pautas que abordassem os universos "invisíveis" dentro da cidade frenética. O nome do

site Cidade Invisível inspirou-se no livro “As Cidades Invisíveis”, de Ítalo Calvino, no qual o autor, em narrativas breves, apresenta as descrições feitas pelo veneziano Marco Polo a Kublai Khan sobre as inúmeras cidades que visitou em suas missões diplomáticas pelo império mongol.

Na página principal do *site*, o internauta vai ter acesso a sete reportagens produzidas, cada uma, por um integrante do grupo. Como pano de fundo, uma foto da cidade de Belo Horizonte, cenário de todas as pautas. Ao passar o *mouse* sobre o *link* de cada reportagem, a tela escurecerá. Uma alusão a idéia de Cidade Invisível, personagens e histórias que só serão descobertas a partir do momento em que o internauta clicar no *link* e conhecê-las.

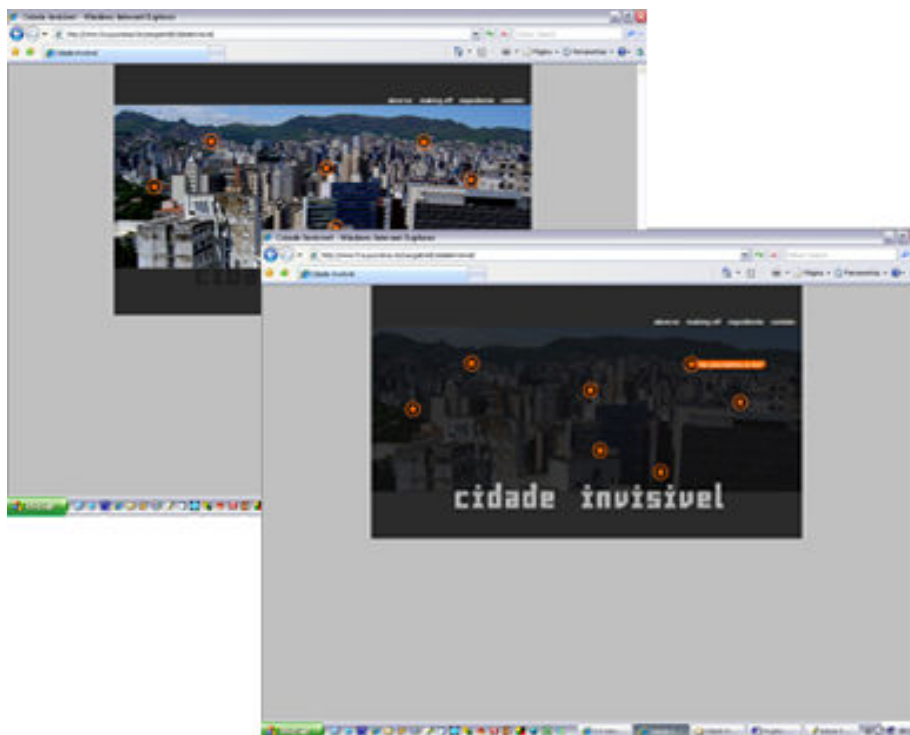


Figura 4: Página inicial do site Cidade Invisível

Além das matérias, disponibilizaremos às seguinte seções: *alicerce*, *making off*, *expediente e contato*. Em *Alicerce*, o leitor encontrará uma breve apresentação do *site* e poderá ter acesso, em p.d.f, à fundamentação teórica deste projeto experimental. Na seção *making off* - um *blog* dedicado às postagens de todos os repórteres durante o processo de produção das matérias- os leitores poderão deixar ali suas impressões sobre as matérias.

Considerações Finais

O projeto “Jornalismo Literário – das páginas do impresso à hipermídia” propôs investigar como o jornalismo, de inspiração literária, participa de experimentos webjornalísticos. Importava, sobretudo, pesquisar a emergência de um webjornalismo fortemente marcado pelas características

da arte literária, que sempre permeou o processo de evolução da redação jornalística. Como seria adaptar, portanto, as características desse jornalismo literário, que foi consolidado no impresso, ao ambiente comunicacional da Internet, híbrido, plural e, freqüentemente, participativo?

Essas características da *web* são um desafio para o jornalismo literário que, historicamente, prioriza a apresentação escrita e detalhada dos acontecimentos e que, tradicionalmente, demandam uma leitura não participativa. Durante a pesquisa, o grupo indagou-se sobre a possibilidade de construção na Internet de um jornalismo literário que, servindo-se dos vários recursos de linguagem próprios desse meio digital, se afastasse do seu percurso histórico, no qual o texto, de qualidade estética e, muitas vezes envolvente, sempre teve importância fundamental. Qual seria, afinal, o formato de jornalismo literário mais adequado para a Internet? E esse jornalismo, como cibernarrativa, preservaria a essência de um jornalismo praticado com requintes da literatura?

Nas pesquisas exploratórias realizadas pelo grupo em vários *sites* da Internet, verificou-se que o webjornalismo literário ainda não utiliza as potencialidades que a rede oferece.

Chegamos à conclusão, porém, que no ambiente hipermidiático é possível praticar um jornalismo renovado e experimentar diversos recursos de linguagem. As possibilidades são várias, na mesma proporção da criatividade daqueles que se servem desse ambiente para, muitas vezes, inovar. A “realidade” tanto pode ser concreta, objetiva, quanto subjetiva e sutil. Ela possui vários matizes e não somente as cores branca e preta das pautas homogêneas. Há muitas maneiras de se narrar um fato, várias fontes que não somente aquelas oficiais e diversas “notícias invisíveis” que esperam pelos olhares “estrangeiros”, capazes de entrever o que a maioria já não consegue ver. Nas cidades modernas, tudo é velocidade e poucos podem – ou se propõem – a ter um caminhar lento. Assim, também o olhar se torna veloz e constantemente distraído.

Dessas inúmeras possibilidades que a Internet oferece, o grupo optou em construir um webjornalismo de inspiração literária, cuja narrativa pudesse ser otimizada por alguns dos recursos de linguagem da rede. Uma narrativa que, entretanto, não perdesse de vista o percurso histórico do jornalismo literário, consolidado pelo impresso.

Para essa experimentação, o grupo decidiu-se por dois recursos de linguagem hipermidiática que entendeu mais relevantes para dar o diferencial na criação desse webjornalismo: a multimídia e a hipermedialidade. Como se sabe, há também outros recursos, como a imersão, interatividade, memória e personalização. O uso de alguns ou de todos eles vai depender da proposta e da criatividade de quem pretende servir-se da Internet para testar as várias possibilidades de um ambiente sempre aberto às inovações. Não se sabe, ainda, qual o formato de jornalismo literário mais adequado para a Internet. Este trabalho, portanto, não esgota o problema, embora pretenda instigar a reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. Posições do narrador no romance contemporâneo. In: Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 1975.

ALZAMORA, Geane. A semiose da informação webjornalística. In: BRASIL, André et al. **Cultura em fluxo: novas mediações em rede**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2004.

BENJAMIN, Walter et al. **Textos escolhidos**, Série: Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 1975.

BORTOLOTTI, Marcelo. **NoMínimo**. 2006. Disponível em <<http://nominimo.ibest.com.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=15&textCode=23502&date=currentDate&contentType=html>>. Acesso em 07 out. 2006.

BRUM, Eliane. **A Vida que Ninguém Vê**. Porto Alegre:Arquipélago Editorial, 2006. 205p.

CASALEGNO, Frederico. Hiperliteratura, sociedades hipertextuais e ambientes comunicacionais. In: MARTINS, F.M. e MACHADO DA SILVA, J. (orgs.) **Para navegar no século XXI : tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Editora Sulina, 2003.

CASASUS, Joseph Maria; NUNEZ LADEVÉZE, Luís. **Estilo y generos periodísticos**. Barcelona: Ariel, 1991.

CASATTI, Denise. **Narrar para diversificar**. *TextoVivo*. São Paulo. 2004. Disponível em <<http://www.textovivo.com.br/>>. Acesso em: 13 out. 2006.

CHALABY, Jean. **O Jornalismo como invenção anglo-americana – Comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano**. Revista Media & Jornalismo, Coimbra, v.1, n.3, p. 29-50, Nov. 2003.

DOS SANTOS, Goiamérico Felício C. **Uma Esfinge à Espreita**: "A máquina extraviada" ou a multidão em pânico. Disponível em <http://www.pucrs.br/fale/pos/historiadaliteratura/gt/esfinge.php>. Acesso em 13 out. 2006.

ESTEVES, Lenita Rímoli. **A Tradução do romance-folhetim no século XIX brasileiro**. Revista Trabalhos em Lingüística Aplicada, Campinas-Unicamp, nº 42, p. 135-143, Jul./Dez. 2003.

FERREIRA, Tailze Melo, PEREIRA, Reinaldo Maximiliano & CARVALHO, Tatiana Pereira. **Trânsitos: entre o ficcional e o factual**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXVIII, 2005. Rio de Janeiro.

GONZAGA, Sergius. **O Romance Romântico**. Literatura Brasileira, 2006. Disponível em: http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/temadomes_romanceromantico_1.htm.

Acesso em: 08 set. 2006.

HENRIQUES, Antonio Renato. **Contracultura e Pop Art nos EUA e no Brasil**. Veritas, v. 35, nº 139, p. 400-416, Set. 1990.

KIRCHOF, Edgar Roberto & BEM, Isabella Vieira de. **O Impacto da Tecnologia sobre a Literatura Contemporânea**. Revista Texto Digital, Santa Catarina, ano 2, no 3, 2006.

- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul**. Manual de jornalismo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário no cinema**. 2006. Disponível em <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/arquivodomural8.htm>. Acesso em: 13 out. 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. São Paulo: Manole, 2004.

LONDONO VELEZ, M.M. **As folhas do diário, um estudo dos gêneros jornalísticos e das mudanças na Folha de S. Paulo**. São Paulo: USP/ECA, 1985. 243 p. Dissertação (Mestrado, ECA/USP).

LOPES, Rodrigo. Guerras Colaterais. *TextoVivo*. 2006. Disponível em <http://www.textovivo.com.br/>. Acesso em: 30 out. 2006.

MACHADO, Elias & PALÁCIOS, Marcos. **Modelos de Jornalismo Digital**. Florianópolis: Calandra, 2003.

MESQUITA, Mário. **Teorias e práticas do jornalismo – da era do telégrafo ao tempo do hipertexto**. INTERCOM: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. XXVIII, nº 2, p. 11-41, jul/dez. 2005.

MIELNICZUK, Lucinda. **Características e implicações do jornalismo na web**. Facom, UFBA, 2001. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf. Acesso em: 19 nov. 2006.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. Tradução: Elissa Khoury Daher e Marcelo Fernandez Cuzziol. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. **A crônica no jornal impresso brasileiro**. Revista PJ:BR – Jornalismo brasileiro, Edição 05-1º semestre de 2005. Disponível em <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/ensaios5_b.htm> . Acesso em: 14 set. 2006.

PALACIOS, Marcos . Hipertexto, Fechamento e o uso do conceito de não-linearidade discursiva. **Lugar Comum**, Rio de Janeiro, n. 08, p. 111-121, 1999.

PENNA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PRIMO, Alex. Quão interativo é o hipertexto? : Da interface potencial à escrita coletiva.

Fronteiras: estudos Midiáticos. São Leopoldo, v.5, n. 2, p. 125-142, 2003.

REIS, Ana Lúcia Silva Resende de Andrade. **O Romance de folhetim no Brasil do século XIX – modelos e inovações.** [s/d]. Disponível em http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/textos/ana_reis.doc Acesso em: 14 set. 2006.

RICOUER, Paul. **A metáfora viva.** Porto: Res, 1983.

ROCHA, Paula Jung. **Blogs: sentimentos em rede compartilhados na pós-modernidade.** Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, nº 22, p. 73-82, Dez/2003.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O Acontecimento.** Revista de Comunicação e Linguagens, v. 8, p.11, 1988.

ROSZAK, Theodore. **A Contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

SANTOS, Alekmar Luiz. **O texto enquanto produtividade. Leitura de nós: ciberespaço e literatura.** São Paulo: Itáu Cultural, 2003.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 235p.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística.** 3 ed. São Paulo: Summus, 1986.

THOMÉ, Luciana. **TextoVivo.** 2006. Disponível em <http://www.textovivo.com.br/narrativas/out6101.htm>. Acesso em: 12 out. 2006.

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 1970.

VILAS BOAS, Sérgio. A hegemonia da aparência nas revistas. **TextoVivo.** São Paulo. Disponível em <http://www.textovivo.com.br>. Acesso em: 06 set. 2006.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.